



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

03 de janeiro de 2019

Diário Catarinense
Economia
"Mínimo tem reajuste de R\$ 44"

Mínimo tem reajuste de R\$ 44 / Jair Bolsonaro / Michel Temer / Índice de Preços ao Consumidor / INPC / Produto Interno Bruto / PIB / Professor voluntário / UFSC / João Rogério Sanson

QUINTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 2019

DIÁRIO CATARINENSE 15

ECONOMIA

Mínimo tem reajuste de R\$ 44

JAIR BOLSONARO (PSL) fixa o piso de 2019 em R\$ 998, valor inferior ao previsto pelo governo de Michel Temer (MDB)

LARISSA NEUMANN
NATHAN NEUMANN

larissa.neumann@somosnsc.com.br
nathan.neumann@somosnsc.com.br

O valor do salário mínimo para 2019 será de R\$ 998 conforme decreto do presidente Jair Bolsonaro. O total equivale a um reajuste de 4,61% sobre os R\$ 954 vigentes em 2018. No entanto, o valor ficou R\$ 8 abaixo dos R\$ 1.006 aprovados pelo Congresso Nacional em dezembro.

Na época, o Temer revisou para cima o valor por conta das estimativas de inflação, que é um dos fatores determinantes para fixar o salário mínimo. Pela regra a remuneração deve ser calculada de acordo com inflação do ano anterior, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), mais a variação do Produto Interno Bruto (PIB) do ano atrasado ao do reajuste.

O economista e professor voluntário da UFSC, João Rogério Sanson, analisa que o aumento do salário mínimo impacta, principalmente, no setor previdenciário. O governo estima que para cada R\$ 1 de aumento há um incremento de R\$ 300 milhões ao ano nas despesas federais.

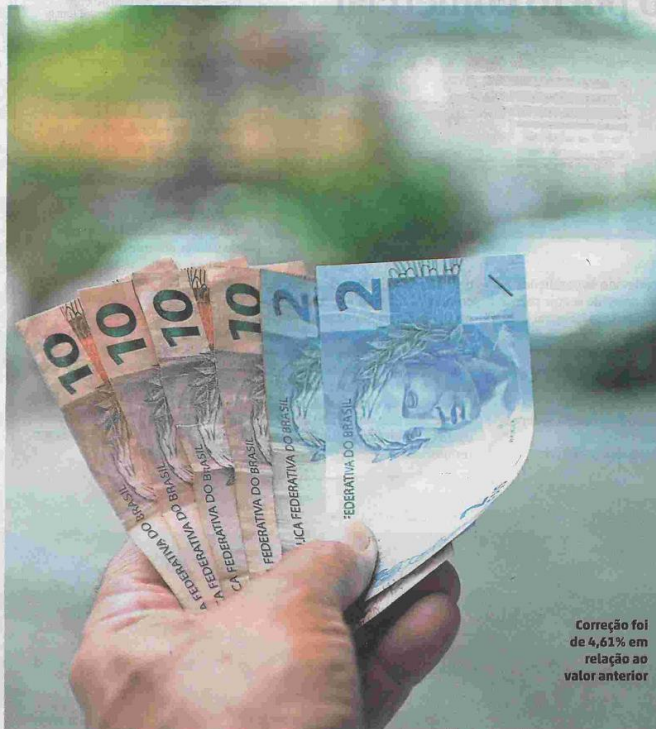
São muitos aposentados, servidores públicos de prefeituras pequenas. É preciso lembrar que muitos Estados tem salário mínimo regional, daí teria que ver de quanto será o aumento - alerta.

Em Santa Catarina, por exemplo, há o salário mínimo regional. No ano passado, os valores foram definidos ainda em janeiro. No Estado é dividido em quatro faixas entre R\$ 1.110 e R\$ 1.271.

NOVA FÓRMULA DE REAJUSTE ATÉ ABRIL

A Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo de Santa Catarina (Fecomércio-SC) analisa que o reajuste do salário mínimo veio menor que o autorizado pelo Congresso, mas que está alinhado com as expectativas de inflação e crescimento no período.

O presidente (Jair Bolsonaro) terá que desenvolver uma nova fórmula de reajuste até abril deste ano. A Fecomércio defende que o cálculo deve levar em consideração o crescimento da produtividade da economia de maneira a não criar pressões de custos e inflacionárias às empresas brasileiras - analisa Breithaupt.



Correção foi de 4,61% em relação ao valor anterior

Aumento divide opiniões

Nas ruas, a decisão do novo presidente divide opiniões entre os catarinenses, em especial pela expectativa causada no reajuste anunciado anteriormente.

É muito pouco. Primeiro falaram que o salário iria para R\$ 1.006 e agora deram isso (R\$ 998). Pelo menos ajuda a pagar uma semana a mais da passagem do ônibus - avalia a aposentada Blumenauense, Erondina Raulino, 56 anos.

Há também quem entenda o movimento do novo governo.

Não acho que é um aumento significativo, mas no momento é o que o governo pode fazer. Tem que enxugar os gastos - afirma a comerciante de Blumenau, Edi Schoemherr, 57 anos.

Para quem precisa pagar contas de energia, água e principalmente o combustível, o reajuste não cobre, apenas repõe uma parcela da perda inflacionária. Os aposentados, que é a categoria que recebe esse aumento de maneira direta, em grande maioria ainda têm o gasto adicional com medicamentos, o que é bastante caro - analisa o professor de Economia da Furb em Blumenau, Jamis Paizza.

EVOLUÇÃO

Crescimento do piso nos últimos anos (em R\$)



O QUE COMPRAR?

Entre itens básicos de consumo, com os R\$ 44 de reajuste do salário mínimo para 2019 é possível comprar:

- 2,3 kg de carne moída de primeira
- 3,4 kg de carne moída de segunda
- 22 caixas de leite integral de um litro
- 4 pacotes de cinco quilos de arroz branco tipo 1
- 12 pacotes de feijão preto de um quilo
- 4 kg de pão francês
- 10,85 litros de gasolina na Capital*
- 10 passagens de ônibus em Florianópolis**

*Preço médio de R\$ 4,052, conforme pesquisa da ANP feita em postos da cidade em 27/12/2018

**Considerado o valor inteiro da passagem no município, R\$ 4,40. Fonte: Pesquisa feita pela reportagem com alguns mercados e padarias

Notícias do Dia Cidade

“Um diário visual da ponte Hercílio Luz”

Um diário visual da ponte Hercílio Luz / Mário César Coelho / Monumento / Ponte Hercílio Luz / Florianópolis / MC Coelho / Exposição / Museu Histórico de Santa Catarina / Professor / Departamento de Expressão Gráfica / Centro de Comunicação e Expressão / EGR / CCE / UFSC / Mostra Cores, Traços, Rastros – Desenhos e Aquarelas / Museu Hassis / Mostra Construções deterioradas : ruínas de Florianópolis / Fortaleza de Anhatomirim

6.Cidade NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, QUINTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 2019

Editor: **DARIENE PASTERNAK**
pasternak@noticiasdiadia.com.br

Um diário visual da ponte Hercílio Luz

Durante 30 dias, artista Mário César Coelho acompanhou, com desenhos, as obras no monumento

CARLOS DAMIÃO
carlos.damiao@gmail.com

Personagem de cartões postais, filmes, peças publicitárias, fotografias e inúmeras obras de arte, a ponte Hercílio Luz é uma referência cultural e histórica indispensável do cotidiano dos florianopolitanos e dos catarinenses desde sua inauguração, em 13 de maio de 1926. Símbolo mais conhecido de Santa Catarina no mundo inteiro, a ponte serviu de inspiração recente para um artista contemporâneo, Mário César Coelho, conhecido como MC Coelho. Ele realizou um trabalho diferenciado, bem distante de uma visão acadêmica ou realista. MC viveu e interpretou a ponte durante 30 dias, no mês de setembro de 2017, compondo 35 desenhos com lápis de cor aquarelavel sobre papel preto. Por isso o título da exposição, em cartaz no Museu Histórico de Santa Catarina até 3 de fevereiro de 2019, é “Paisagem Passagem: uma ponte em 30 dias”.

MC Coelho, nascido na Capital, explica que fez essa imersão in loco, consumindo de uma a três horas diárias para cada desenho, ou seja, ele acompanhou muito de perto a rotina dos trabalhos de restauração do monumento, que envolvem centenas de operários e técnicos. Seus recortes artísticos compõem um painel visual surpreendente e inédito, na maneira como concebeu e executou o projeto.

O QUE: Exposição de desenhos “Paisagem Passagem: Uma Ponte em 30 Dias”

QUEM: Artista plástico Mário César Coelho (MC Coelho)

ONDE: Museu Histórico de Santa Catarina (Palácio Cruz e Sousa)

QUANDO: Até 3 de fevereiro de 2019

VISITAÇÃO: Terça a sexta-feira, das 10h às 18h
Sábados, domingos e feriados, das 10h às 16h



Composição de patrimônios: a ponte e o casarão do antigo cais da Rita Maria



Detalhe de uma das barras de olhar: a sustentação da passagem Ilha-Continente



Elementos arquitetônicos originais interligam-se aos elementos provisórios da reforma



Andaimos nas bases e os operários em atividade: a força transformadora do trabalho

Observação dos trabalhos e do vai-vem dos operários

■ A proposta da exposição é compartilhar as obras de forma que possam propiciar uma experiência estética por meio da visão do conjunto desse diário visual. As aquarelas estão dispostas na sequência em que foram desenhadas durante os 30 dias.

A cronologia representa a forma como o artista assimilou a paisagem no decorrer do trabalho. Na primeira quinzena, os desenhos foram realizados a partir das cabeceiras insular e continental. Na segunda quinzena, parte dos desenhos foi feita dentro da ponte, junto às atividades dos operários. “O fato de permanecer alguns horas num único lugar, observando e

desenhando, acaba propiciando uma interação com as pessoas que estão de passagem”, observa MC Coelho.

Por essa razão, os desenhos destacam o movimento constante dos trabalhadores nas passagens da estrutura, sob os andaimes e torres, subindo e descendo dos guindastes.

A presença humana não é um mero detalhe, porque representa a grandeza transformadora da força do trabalho. O hibridismo arquitetônico do estágio da reforma é outra característica que marca grande parte da obra de MC Coelho: os velhos elementos misturam-se aos novos e à estrutura de sustentação, aos

guindastes, às treliças. Os ventos, o movimento e as cores do mar, um pássaro casual, os pescadores, os operários, tudo se entrelaça, se revela e contribui para as percepções eternizadas nos desenhos. Há ainda fragmentos do patrimônio do entorno, como o casarão histórico do velho cais da Rita Maria e o pátio do Forte de Santana do Estreito com seus canhões.

A mostra tem o apoio da Universidade Federal de Santa Catarina e é uma realização do Museu Histórico, da Fundação Catarinense de Cultura e do governo do Estado. Trata-se da última exposição do Edital de Exposições do MHSC referente a 2018.

Desenhar e pintar a cidade

■ Mário César Coelho (MC Coelho) é arquiteto e professor do Departamento de Expressão Gráfica do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC (EGR/CCE/UFSC). Ele se dedica artisticamente a desenhar e pintar pela cidade – “o ateliê é a rua”, diz – observando pessoas, animais, construções, o cotidiano e as belas paisagens da Ilha de Santa Catarina e do mundo. Desenha desde criança. No curso de Edificações na Etefesc (atual IFSC), despertou para o dese-

no de projetos e perspectivas, ingressando em 1978 no curso de arquitetura e urbanismo da UFSC, tomando então o gosto pela pintura de aquarela.

Da conexão entre o arquiteto e o artista surgiu o interesse pela história da arte. Pela UFSC também fez seu mestrado, em história cultural, com a dissertação “Moderna Ponte Velha: Imagem e memória da Ponte Hercílio Luz” (1997). O doutorado foi ‘sanduíche’ com UFSC e EHESS/Paris, com a tese

“Os Panoramas Perdidos de Victor Meirelles (2006)”.

Atualmente, pesquisa histórias em quadinhos e a relação entre desenho, espacialidade e arquitetura.

Além da exposição no MHSC está com outras duas mostras em cartaz: “Cores, Traços, Rastros – Desenhos e Aquarelas”, no Museu Hassis, e “Construções Deterioradas: Ruínas de Florianópolis”, no espaço expositivo da Fortaleza de Anhatomirim.



MC Coelho no salão de exposições do MHSC: mostra fica até 3 de fevereiro

Notícias do Dia Geral "Eles fazem a diferença"

Eles fazem a diferença / Florianópolis / Trabalhos voluntários / Darcy Vitória de Brito / Centro Cultural Escrava Anastácia / Jovens / Drogas / Padre Wilson Groh / Maciço do Morro da Cruz / Maria de Fátima Medeiros / Estudante / UFSC / Curso Letras-Português / Universidade Federal de Santa Catarina / Cegos / Udesc / Renato Raphael Paupitz Dranka / Instituto Guga Kuerten / Beira-Mar Norte / Centro Esportivo Mazzuco / 16º Prêmio IGK / Categoria Ação voluntária

14/15.Geral NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, QUINTA-FEIRA, 3 DE JANEIRO DE 2019

Eles fazem a diferença

Sensibilizados pela realidade social em suas comunidades, três moradores de Florianópolis ajudam a transformar vidas com trabalhos voluntários

ALINE TORRES
Especial para o Notícias do Dia

Darcy Vitória de Brito tem 79 anos. Moradora de Florianópolis, nasceu e viveu toda sua vida no Mont Serrat, uma das 17 comunidades do maciço do Morro da Cruz, região onde se concentra a maior população negra da ilha. Neta de escrava, começou a trabalhar aos 9 anos, foi lavadeira e professora primária. Quando finalmente se aposentou, decidiu não descansar. Fruto de sua articulação comunitária, dois projetos surgiram para transformar a vida de milhares de jovens no Brasil e na África.

Em 1998, preocupada com a invasão do tráfico de drogas na sua comunidade, ela resolveu agir. Ajudou a criar o Centro Cultural Escrava Anastácia na tentativa de proteger os jovens do que chama de "tempestade de drogas dos anos 90". "Eramos ingênuos. Muitos pais daqui não conheciam drogas. Então, demoramos para agir e o morro foi tomado. Nessas crianças foram cooptadas, estavam sendo mortas, drogadas. Muitas meninas foram violentadas. Eu dormia embaixo da cama por causa dos tiroteios".

Trabalhando em conjunto com o padre Wilson Groh, liderança comunitária há mais de 35 anos, ela resolveu mobilizar as pessoas para ocupar o tempo dos jovens de forma lúdica. "Saí pedindo de casa em casa. O que pudessem dar, pão, leite, copos, pratos. Nos primeiros seis meses já tínhamos 80 meninos. Oferecíamos todas as refeições. E você não imagina que nossa principal atividade era pular corda. Não se precisa muita coisa para fazer a diferença".

Quase 20 anos depois, o Escrava Anastácia cresceu e atualmente atende duas mil pessoas, entre jovens e adultos. O padre Wilson lembra que antes da fundação do centro muitos jovens morreram vítimas do tráfico. "Já cheguei a realizar 80 funerais de meninos mortos pelo tráfico em um só ano."

No ano passado, dois homicídios ligados ao tráfico foram registrados no maciço do Morro da Cruz. "Acho que estamos mais perto de conquistar a paz graças ao padre Wilson e a vontade das mulheres dessa comunidade. São elas que matriculam e insistem para que os filhos, netos e sobrinhos façam parte de todos os projetos porque acreditam em outra realidade", disse a ativista.

O primeiro programa foi o Rito de Passagem. O padre tem um instituto com sete organizações, que atendem principalmente crianças. Quando elas crescem, têm entre 15 e 16 anos, que são idades consideradas por eles arriscadas pela tentação da criminalidade, vão para o Escrava Anastácia e escolhem cursos técnicos, pré-vestibulares ou estágios. Para os jovens que querem trabalhar, há o Jovem Aprendiz. Durante um dia da semana eles têm aulas para se tornarem bons profissionais e nos outros quatro dias colocam em prática seus conhecimentos nas empresas.

Também há os casos daqueles que já estão envolvidos com o narcotráfico e o projeto resgata. "As crianças que se envolvem com os traficantes têm um perfil parecido. Falta uma disciplina familiar. Alguns não têm pais, outros têm mas passam o dia inteiro trabalhando e chegam muito cansados em casa. Elas não têm lazer e a escola começa a perder o sentido. Ficam num vazio. O que eles precisam é de oportunidade, que a cidade abra as portas", resumiu Darcy.

Já o Procurando Caminho usa como isca o esporte. São oferecidas aulas de surf, rafting, rapel e partidas de futebol para os menores que concordarem em mudar os rumos. O prédio onde funcionam esses três projetos era o antigo IML (Instituto Médico Legal). "O padre costumava frequentar o prédio para buscar os corpos dos jovens assassinados. Hoje, o lugar ganhou vida", comentou Darcy. Há ainda outros dois prédios, onde funcionam o Grupo da Terceira Idade Rosário da Luz e a Casa de Acolhimento Darcy Vitória de Brito, lar para crianças retiradas dos pais pela Justiça. "Resolvemos abraçar a comunidade inteira das crianças aos mais velhos", diz Darcy. ●

“

Já cheguei a realizar 80 funerais de meninos mortos pelo tráfico em um só ano.”

Darcy Vitória de Brito, fundadora do Centro Cultural Escrava Anastácia, na Capital



FOTOS DIVULGACÃO

Uma ponte com a África

■ "Nós somos a população com mais negros em Florianópolis. A discriminação é forte. Mas resistimos a todos os percalços da vida graças ao nosso espírito de partilha. Eu tive a ideia do Escrava Anastácia, mas o conjunto tornou realidade. Um só não faz nada", reflete Darcy.

É justamente esse orgulho pela negritude que a fez encarar um novo desafio e estender a ponte entre Brasil e África na tentativa de ajudar crianças africanas a frequentarem a escola.

Em 2012, o padre Wilson recebeu o padre Maio Silva, que é guineense e veio para aprender com ele a desenvolver projetos sociais. "Ele nos contou da situação das crianças de Empada, na região de Quinara, que fica a 300 km da capital Bissau. Elas são muito pobres, comiam apenas uma refeição por dia, com água e arroz. O padre Maio queria que mais crianças tivessem acesso à educação, mas esse sonho tinha um custo que os guineenses não poderiam pagar. Fiquei muito sensibilizada", explicou.

Guiné Bissau sofre com situações de

extrema pobreza e desordem institucional desde a independência, em 1973. Para diminuir o impacto sobre a educação provocado pelas constantes greves e atrasos de salários, algumas vilas fizeram acordos com o governo para que as escolas fossem administradas pela própria comunidade, como autônomas. Para manterem as portas abertas, no entanto, cobram mensalidades. "Porém, as crianças sem condições de pagar ficaram fora", conta.

A campanha mantém 14 mil crianças na escola com almoço, café da tarde e material escolar. "Pensei em ajudar. Comecei arrecadando moedinhas na igreja. Depois fizemos carneiros. O projeto cresceu e ganhou forças". O Mont Serrat e outros bairros e cidades apoiam com R\$ 320, preço para custear cada aluno o ano inteiro.

O projeto nasceu para que as crianças estudassem no colégio Liceu Dom Setímio Arturo Ferrazeta e depois expandiu-se para outras quatro escolas. Esse incentivo também garante trabalho aos professores. Todos sabem que a ajuda vem do Brasil.

Literatura acessível

■ Achar que os cegos não veem é miopia. Os olhos captam, mas quem enxerga é a mente. E a mente estimulada vai longe. Mais rápida que os passos, que os trens, que os aviões. Mais rápida que o preconceito, que os ditos comuns, que a má vontade, não tropeça nos meios fios. A real cegueira é social. Aquela que exclui pessoas aptas, sensíveis e talentosas, que desperdiça, desacredita, esconde do seu campo de visão.

Deficientes visuais vivem às sombras. Pouco é pensado para eles. Mesmo que representem 6,5 milhões de brasileiros. Praticamente, o número de habitantes de Santa Catarina.

Mas são nas margens que acontecem as revoluções humanas. Feitas por gente que não desanima com as durezas da vida. Ai entra Maria de Fátima Medeiros e Silva, uma estudante de Letras e Português da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que teve a ideia de dar aos deficientes visuais o direito ao conhecimento. Sem recursos, ela angariou pessoas para gravarem livros acessíveis em formato de radionovelas, projeto batizado Releituras, que começou há um ano e conta com mais de 170 voluntários.

Fátima é uma pernambucana, 12ª filha de Maria Lúcia, na infância se mudou para Biguaçu onde passou boa parte da vida, depois foi viver na Inglaterra e na Holanda, onde esteve por 12 anos.

Voltou em 2011 para auxiliar a mãe, diagnosticada com diabetes em estágio avançado. Ficou desempregada mesmo com fluência em inglês, francês, holandês e alemão e quatro cursos técnicos. Morou na rua. Passou fome. Se reestabeleceu e entrou com uma ação na Justiça pelo direito de cuidar da própria mãe, que na sua avaliação era negligenciada pelos seus irmãos.

E como a reinvenção é uma arte que domina, trabalha atualmente para elevar os precários padrões de acessibilidade no Estado. A primeira etapa do seu ambicioso projeto é entregar 50 contos, de autores brasileiros e catarinenses, para a biblioteca da UFSC, em formato de MP3. Ela também negociou e recebeu carta branca de quatro rádios, Itapema, Udesc, Cultura e Comunitária do Campeche, para que "A Hora do Conto" seja incluída durante 15 minutos diários. Para que as vozes se multipliquem e atinjam asilos e hospitais.

"Os contos gravados, até o momento, são de Machado de Assis, "Um Apólogo" e "A Cartomante". O célebre autor foi escolhido como ícone do projeto. Órfão, pobre, epilético, mulato, neto de escravos alforriados, e sem direito a uma educação formal, superou todo veneno social e se tornou um dos gigantes da Literatura nacional, comparado com os realistas Flaubert e Dostoiévski", afirma Maria Lúcia.



Maria Lúcia grava livros em formato de radionovelas



Renato Dranka (ao centro) com alguns de seus alunos adolescentes

Trabalho social nos horários de folga

■ Renato Raphael Paupitz Dranka, 32 anos, é professor de educação física no Instituto Guga Kuerten, onde ensina tênis. O foco da instituição é o desenvolvimento humano, não a formação de atletas. Porém, muitas crianças e adolescentes se destacam.

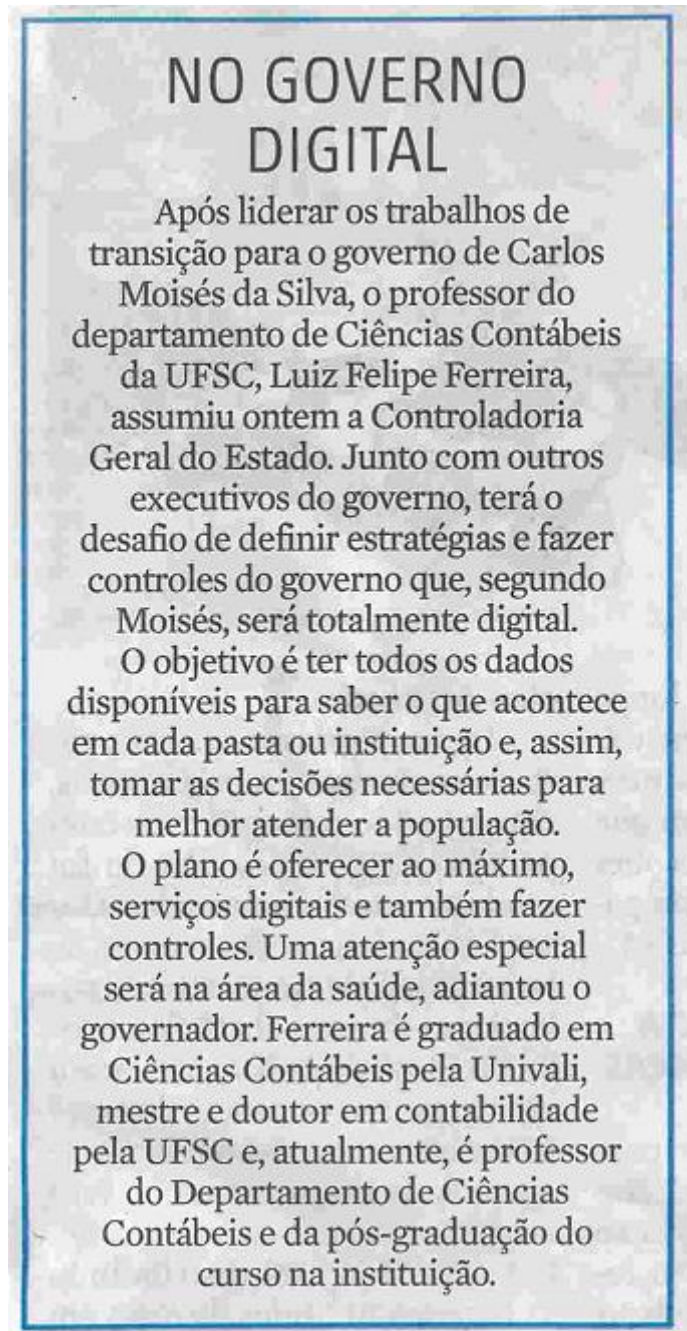
Para potencializar esses talentos, Renato utiliza seus horários de folga, leva a meninada para quadras na UFSC, Beira-Mar Norte ou para o Centro Esportivo Mazzuco, e os treina. Esse esforço extracurricular acontece há cinco anos, durante às noites, e foi reconhecido com a vitória no 16º Prêmio IGK, na categoria Ação Voluntária.

Renato costuma usar o seu salário para custear o transporte e alimentação dos alunos. A FCT (Federação Catarinense de Tênis) também ajuda com isenção nas inscrições. Dessa maneira, eles participam de torneios estaduais. Entre os 20 que apoiou há diversos medalhistas.

As crianças e adolescentes são moradores do bairro Saco Grande e conhecem a pobreza e a violência. "Mais do que o esporte, aprendi no IGK a importância de outras vivências. Recentemente, levei os atletas para Lages, eles conheceram a Serra, fizeram amizades. São experiências enriquecedoras", disse.

Diário Catarinense
Estela Benetti
"No governo digital"

No governo digital / Transição / Carlos Moisés da Silva / Professor / Departamento de Ciências Contábeis / UFSC / Luiz Felipe Ferreira / Controladoria Geral do Estado / Serviços digitais / Mestrado em Contabilidade / Doutorado em Contabilidade / Pós-Graduação em Ciências Contábeis



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

No governo digital

Alimentos funcionais gelados

Engenheiro Mecânico

Um diário visual da Ponte Hercílio Luz no Museu Histórico

BB Seguridade elege novos executivos para cargos na diretoria

Indígena e surda estão entre convocados por Damares

Conheça a cafeteria de Santa Catarina em que todos os funcionários têm a Síndrome de Down

Governo de SC anuncia nomes para FCC, Santur e Fesporte

Grupo Cescage anunciará novo CEO na segunda-feira

Dados da serra e de SC, 3/1/2018

Santa Catarina terá mais de 7,7 mil vagas no SiSU 2019/1

Estudo investiga influência da lua no parto